

*Naji al-Ali, você superou com folga
Nossa desonra, ascendeu às alturas
Suba ao céu, sua morada, e nos deixe
Na terra; a terra é para os covardes*

*Morreu, não na espada, morreu na bala
Quem viveu em nós uma vida honrosa
Que mal lhe faz deixar uma nação
Que é só um erro a mais entre tantos erros*

Ahmad Mátar

Tradução de Michel Sleiman



NAJI AL ALI

Ícone da luta palestina

Abdullah Omar

MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

O Monitor do Oriente Médio é um instituto de pesquisa política sem fins lucrativos que fornece informações e análises abrangentes sobre política internacional. Sua produção é disponibilizada para uso de jornalistas, acadêmicos e políticos com interesse nas regiões do Norte da África e Oriente Médio — com destaque para a questão palestina. O portal em português também inclui informações e análises sobre América Latina.

O objetivo do MEMO é influenciar políticas e pautas públicas a partir da perspectiva da justiça social, dos direitos humanos e da lei internacional. Isso é fundamental para obter igualdade, segurança e justiça.

O MEMO gostaria de ver um Oriente Médio definido por princípios de igualdade e justiça, ao promover a restauração dos direitos palestinos, incluindo o direito de retorno e um Estado palestino democrático com Jerusalém como sua capital. O MEMO defende também um Oriente Médio livre de armas nucleares.

Ao assegurar que formuladores de políticas sejam melhor informados, por meio de uma cobertura de mídia justa e embasada, o MEMO busca promover um maior impacto nos atores responsáveis por decisões-chave que afetam políticas regionais e internacionais.

Título: Naji al Ali, ícone da luta palestina

Publicado em julho de 2022.

Esta publicação preserva os direitos de copyright dos autores. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, transmitida ou distribuída, por qualquer forma ou meio, sem expressa autorização prévia dos detentores dos direitos autorais.

CC BY 3.0 BR – À exceção das ilustrações.



Monitor do Oriente Médio
Avenida Conselheiro Carrão, 1077
Sala 706, Vila Carrão São Paulo
Estado de São Paulo, Brasil
+55 (11) 2093-0599
www.monitordooriente.com

NAJI AL ALI Ícone da luta palestina

Abdullah Omar

Jornalista e crítico nascido em Ramallah, especializado em Gestão Esportiva pela FIFA/CIES. Diretor do Fórum Latino-Palestino e colaborador do MEMO, escreve em inglês, árabe e português.



- Este material foi produzido a partir de informações extraídas de diversos sites árabes.

Em 22 de julho de 1987, o cartunista palestino Naji Al-Ali seguia por uma rua da capital britânica, Londres, a caminho de seu local de trabalho no escritório do jornal internacional Al-Qabas, quando foi atingido por um bala que se alojou sob seu olho e o colocou em coma por 38 dias. O tiro de pistola disparado com silenciador abriu uma nova história de assassinatos políticos, pois matou pela primeira vez um cartunista árabe palestino por causa de seus desenhos famosos, que afetaram o inimigo sionista e todos os palestinos ou árabes que acompanhavam seu trabalho.

Naji Salim al-Ali foi assassinado por causa de linhas pretas desenhadas no papel como um caminho de luta contra o colonialismo. Podemos considerar este homem o profeta da época, pois os desenhos de Naji parecem descrever o mundo em que vivemos agora, a situação árabe corrente e o conflito palestino com o sionistas na terra da Palestina.

É muito difícil expressar o que se passa com você em palavras no papel, mas o mais difícil é expressá-lo em desenhos. O traço, e especificamente a caricatura, é a arte em que Naji se destacava, pois expressava o que está dentro de qualquer árabe, não só nele mesmo... Seus figuras eram caracterizadas pela ironia, e eram tão plenas da espontaneidade e honestidade... Fora isso, todas as suas criações foram caracterizadas por um sentido patriótico, pois Naji conseguiu fazer das caricaturas uma arma eficaz na resistência.

Naji tinha um espírito de luta que transcendia estreitas afiliações partidárias e sectárias. Ele disse sobre si mesmo: “qualquer arma direcionada ao inimigo israelense me representa”. Ele acreditava que a arte da caricatura era voltada para a crítica e não para o entretenimento.

Naji Al-Ali desenhou mais de 40.000 cartuns e tem muito em comum com seu professor, Ghassan Kanafani. Ambos são do mesmo solo da Palestina que trouxe esses lutadores com pena da letra e do desenho, e

ambos imigraram para o Líbano e Kuwait. Se conheceram no campo de Ain al-Hilweh. Ghassan viu os desenhos de Naji e soube que havia descoberto um novo tesouro e um grande legado que perpetuaria a revolução palestina. .

Ambos tiraram o sono do inimigo sionista. Naji foi quem disse que quem quiser escrever ou desenhar sobre a Palestina deve saber-se “morto”. Entre ele e Ghassan Kanafani, a diferença é que uma bala penetrou na cabeça do primeiro e uma bomba que destruiu o corpo do segundo.

Al-Ali dedicou seus desenhos à luta contra a propaganda de rendição e reconhecimento de “Israel”, e dirigiu sua crítica contundente aos regimes e intelectuais que estavam dispostos a negociar a causa palestina ou fazer as pazes em relação à ela. Suas caricaturas zombavam dos líderes árabes e explicavam as políticas cujo objetivo seria atrair apertos de mão e normalização.

Ele também trabalhou para criar uma nova consciência de que a normalização e o reconhecimento não beneficiariam os árabes em nada e que a resistência seria a única maneira de os árabes recuperarem o que perderam, em um momento em que as forças israelenses ainda ocupavam Gaza, o sul do Líbano e o resto dos territórios palestinos.

O começo

Naji Salim Hussein Al-Ali nasceu na aldeia de Al-Shajara na Palestina em 1938 e foi deslocado com sua família de lá após a Nakba em 1948. Desde então, ele nunca conheceu a estabilidade. Viveu com sua família no campo “Ain Al-Hilweh” no Líbano, e estudou na escola primária “União das Igrejas Cristãs”. Trabalhou nos pomares de citrinos e oliveira até decidir mudar-se para Trípoli para aprender uma profissão menos aborrecida com a qual pudesse ganhar a vida. Lá ingressou numa escola profissiona-

lizante e aprendeu mecânica. Viajou para a Arábia Saudita onde trabalhou como mecânico por dois anos, mas a obsessão pela arte estava surgindo dentro dele. Voltou ao Líbano para se matricular em uma academia de desenho, mas não ficou por mais de um mês porque a polícia o perseguiu depois que ele se juntou ao Movimento Nacionalista Árabe.

O gosto pelo desenho começou quando era um menino. Ele adorava aulas de desenho e seu professor “Abu Maher Al Yamani” o encorajou a desenhar, quando lhe disse: “Pinte... mas sempre sobre a pátria”. E ele realmente permaneceu assim e transferiu seus desenhos de folhetos para as paredes dos campos e depois para as celas das prisões. A primeira aparição do trabalho de Naji como cartunista reconhecido foi pelas mãos do jornalista Ghassan Kanafani quando visitou o campo de Ain al-Hilweh, e viu as criações de Naji. Ele as publicou no jornal Al-Hurriya.



Primeiro desenho de Naji Al-Ali
“Uma mão determinada a libertar no alto”

Naji Al-Ali diz sobre esse período: “Ghassan Kanafani foi quem me descobriu e me apresentou à mídia. Em uma de suas visitas periódicas ao campo de Ain Al-Hilweh, ele pegou três desenhos meus, colocou debaixo da axila e foi embora. Depois de um tempo, fiquei surpreso que eles foram publicados no jornal Al-Hurriya, onde ele trabalhava na época. Meus olhos não acreditaram no que viram, nem meu coração, que dançou de alegria com essa grande conquista. Depois disso, senti que Ghassan Kanafani era um pai especial e excepcional.

Entre o Líbano e o Kuwait

Em 1963, apoiado por Ghassan Kanafani, Naji viajou para o Kuwait para trabalhar como editor, ilustrador e diretor de imprensa da revista semanal nacionalista “Altaleea”. Em 1966, voltou ao Líbano, onde permaneceu por quase um ano como desenhista no jornal “Al-Hurriya” e no jornal “Al-Youm”. Ele então retornou ao Kuwait para continuar seu trabalho na revista “Altaleea”. Depois que a revista foi temporariamente suspensa, em 1968, Naji Al-Ali passou a trabalhar como cartunista em tempo integral para o diário kuwaitiano Al-Seyassah até 1974.

Em março de 1974, o jornal diário “Al-Safir” foi publicado em Beirute, então Naji Al-Ali voltou a trabalhar como cartunista lá. Sua fama cresceu na escala árabe desde então, através do personagem da criança “Handala” que Naji criou em 1969 quando trabalhava no Kuwait no jornal Al-Seyassah. Handala é o menino de dez anos, que não crescerá até que retorne à Palestina, sua terra natal, e que estará sempre com as mãos atrás das costas. Handala tornou-se a assinatura de Naji. É “como uma bússola para mim, e essa bússola sempre aponta para a Palestina”, escreveu ele. Naji voltou ao Kuwait novamente em 1976, trabalhando no jornal Al-Seyassah até 1978. Depois retornou a Beirute para trabalhar no jornal Al-Safir até 1983.

No início de 1983, após a invasão israelense do Líbano, ele se juntou à família editorial do jornal kuwaitiano Al-Qabas. No entanto, depois de dois anos, o governo do Kuwait decidiu expulsá-lo como resultado de pressões da Organização para a Libertação da Palestina e alguns regimes árabes. Em 1985, Naji mudou-se para Londres e começou a trabalhar para o jornal internacional Al-Qabas. Seus desenhos mantiveram os mesmos eixos de antes, mas de forma mais feroz e desafiadora.

Naji Al-Ali não pertencia a partidos e dizia estar empenhado numa causa maior do que todos os grupos políticos.

“Estou comprometido com a Palestina. Mas enquanto a Palestina estiver ocupada, não serei leal a nenhum grupo, nenhum partido, nenhuma organização, nenhum sistema ou nenhuma força.”

“Pertencemos a uma tribo árabe distribuída geograficamente, temos um estado e temos uma bandeira. Eu era palestino ... Vivi 20 anos em um acampamento, e ninguém me procurou. Sofri muito quando vi as Nações Unidas, com tudo isso, nos dar o cartão de racionamento como identidade. Essa é a nossa identidade.”

Personagens e símbolos

A caricatura constituiu a ampla janela através da qual o cartunista Naji Al-Ali olhava o mundo e, ao mesmo tempo, foi a ferramenta com a qual ele tentou contestar o sistema de valores à sua volta. Devido a uma profunda consciência da importância do desenho, buscava garantir a “entrega” da ideia clara. Desde o início, considerou que a tarefa da caricatura não era abstrata, mas sim incitante e missionária, anunciando a esperança e o futuro, e tinha o dever de romper a barreira do medo das pessoas frente à autoridade.

Engana-se quem pensa que vai se divertir vendo seus desenhos, ou que são desenhos sem sentido ou espírito, porque o propósito e a intenção é uma constante central em suas caricaturas.

A caricatura de Naji é uma ferramenta que monitora, defende, mobiliza, critica, desnuda e expõe... Ele não se importa em carregar seus desenhos para quem procura rir, mas sim para que o comum, o analfabeto e a pessoa educada encontrem através dela a ideia em todas as suas dimensões, veracidade e espontaneidade. Pode tomar uma forma inflamatória às vezes, e uma forma revolucionária em outras.

É assim que Naji Al-Ali resume a função social da caricatura, por isso não é de surpreender que o jornal japonês Asahi o tenha escolhido como um dos dez cartunistas mais famosos do mundo, e que a Federação Internacional de Editores de Jornais o tenha descrito como um dos maiores cartunistas desde o final do século XVIII, e lhe concedeu a “caneta de ouro da liberdade” Menos de seis meses depois de seu assassinato, ele foi o primeiro jornalista árabe a ser homenageado com um prêmio e reconhecimento desse calibre.

Através de seus desenhos, descobrimos que ele empregou um sistema integrado de caracteres e símbolos, e através deles criou uma ponte especial de comunicação com aqueles que aguardavam ansiosamente seus desenhos todas as manhãs.

Personagens

Handala, o ícone

Ele é aquela criança descalça, rasgada, que sempre está de costas, e mantém as mãos atrás das costas o tempo todo. Handala nasceu aos dez anos e sempre terá dez. Naji Al-Ali disse:

Nessa idade eu deixei a pátria, e quando Handala voltar ele não terá mais dez anos, e só envelhecerá depois disso... As conhecidas leis da natureza não se aplicam a ele. É uma exceção porque perder a pátria também é uma exceção.

Handala não se separa dos desenhos de Naji Al-Ali, pois ele está sempre presente nas profundezas dos problemas que assombram sua mente. Para maior definição, Al-Ali esclarece a relação que os une: Carreguei Handala para o Kuwait... Dei a luz para ele lá... eu tinha medo de me perder, que as ondas me arrastassem para longe do estábulo da Palestina... Handala é um ícone que preserva minha alma, e me protege de escorregar ... Handala é leal à Palestina, e ele não me permite ser diferente, é uma gota de suor na minha testa que me faz arder se me passa pela cabeça a covardia ou a retirada.

Handala representa a consciência vigilante de Naji al-Ali, que o impede de sequer pensar em se descomprometer, afrouxar ou desistir. Para ele, Handala é a bússola que sempre aponta para a Palestina. Handala está muito ciente do “problema do destino”, ou seja, deve abster-se de se

envolver em questões secundárias, que são inúteis e viáveis, e poupar o esforço para defender as constantes da causa palestina e defendê-la em face da rendição. O problema do destino pode ser resumido em uma questão problemática: Como é o caminho para recuperar a pátria? Enquanto a luta é pela terra, quais são os atalhos que levam ao seu retorno, e como unir esforços para um destino comum, desde que o objetivo seja o mesmo?

Sobre a origem do nome Handala, Naji Al-Ali diz:

Eu o chamei de Handala como símbolo de amargura. No início, eu o apresentei como uma criança palestina, mas sua consciência se desenvolveu, ele tinha um horizonte nacional, depois um horizonte humano cósmico. Não é segredo para todos que Handala virou o rosto para aqueles que fizeram de sua caricatura o pão de cada dia, mas o que aconteceu depois da guerra de outubro de 1973 o fez segurar as mãos pelas costas, porque a região testemunhará um processo precoce de subjugação e normalização, mas isso nunca expressa a negatividade dessa criança revolucionária, mas indica que ela se recusa e não está disposta a participar da farsa de aceitar essas meias soluções, porque ele mesmo se recusa a fazê-lo, pois é testemunha da época que não morre.

Ele é a lenda, ele é uma testemunha da morte por atacado e da morte em parcelas, uma testemunha da difusão do sionismo e do imperialismo americano, uma testemunha da brutalidade dos assassinos de crianças, mulheres e idosos, uma testemunha do bombardeio de mesquitas, escolas e hospitais, uma testemunha da Quarta Convenção de Genebra, uma testemunha da hipocrisia da comunidade internacional, uma testemunha das ações de homens injustos e as atitudes dos semi-intelectuais, testemunho daqueles que morreram em resultado de um cerco injusto, testemunho

da transformação de cidades inteiras em uma grande prisão, testemunho daqueles que se ergueram como mártires no campo de batalha como sacrifício pela pátria e por dignidade sem mortalhas nem decretos, testemunha aquele que defende sua pátria com um míssil feito às pressas, testemunha de resistir com um rifle de caça diante de bombas de fósforo.

Quando as pessoas verão o rosto de Handala? Naji Al-Ali responde:

Quando a dignidade árabe não for ameaçada, e quando o árabe recuperar seu senso de liberdade e humanidade.

Este é dos problemas centrais nas ilustrações de Naji Al-Ali: restaurar a dignidade árabe perdida, desperdiçada.



Revolução até a vitória

Fátima, símbolo de tudo o que é belo

Talvez um dos elementos mais proeminentes que sustentam a integração nos desenhos de Naji Al-Ali seja a reconciliação da presença de homens e mulheres em pé de igualdade dentro da imagem expressiva. Al-Ali nunca procurou excluir nenhum lado, porque entende a importância da presença das mulheres em qualquer luta por libertação. Sobre Fátima, a virtude de Al-Ali é que a personagem não se restringe apenas à Palestina, mas é também parte do Egito, Líbano, Ain Al-Hilweh, Sabra, Tiro, Sidon e das terras as sul, as terras árabes ocupadas. E assim se apresenta a ideia central de Naji Al-Ali, de que a Palestina se estende do rio ao mar.



Um punhado do solo da terra das tristes laranjas, leve para as pessoas que amam a América. Quem sabe, caso sintam o cheiro do solo, retornem à sua natureza

Fátima, com o vestido longo e lenço, rosto redondo e olhos negros orientais, simboliza tudo o que é belo. Ela é o título de doação, bondade, amor, amizade, calor, ternura, auto-estima e sacrifício. Ela é o símbolo das lutadoras árabes que não abrandam sua firmeza. Sua determinação não esmorece, e o brilho de sua luta não esmorece. Fátima é o símbolo da mulher conscientemente envolvida na batalha da libertação. Ela é o símbolo da paciência, perseverança e firmeza, até a vitória.

O Homem Bom

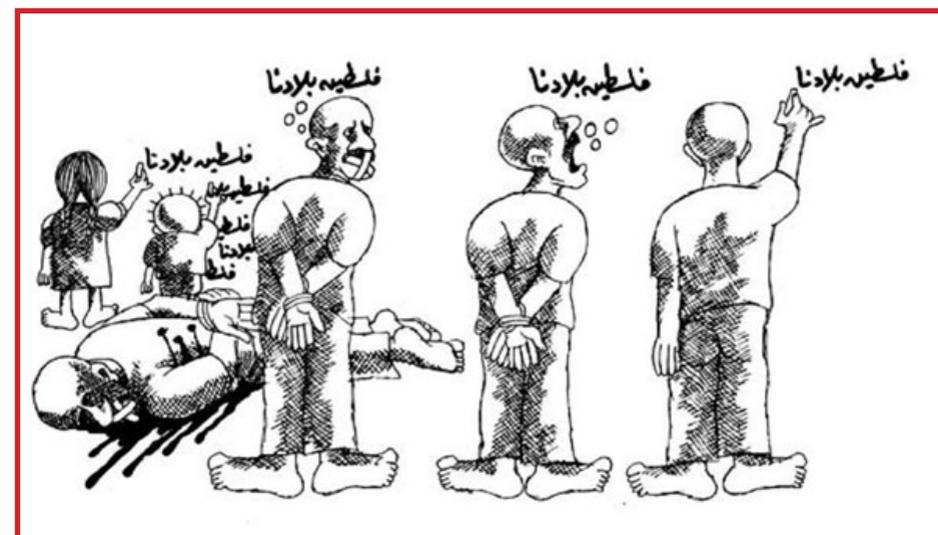
O Homem Bom simboliza o que há de positivo no “cotidiano” árabe. Não tem nome fixo ou definido, pode carregar todos os nomes, porque é uma imagem e uma personalidade de muitos nomes, pertencente a todo o mundo árabe, uma personalidade que declara sua filiação e lealdade à pátria e a terra, uma personalidade que não se importa com fronteiras artificiais, não reconhece barreiras físicas, e clama por uma unidade árabe permanente e conectada.

O Homem bom é o palestino órfão, viúvo, indefeso, sitiado, sem-teto, faminto, contra quem as nações conspiraram e que sofreu com seus parentes, os oprimidos. Mas ele é o lutador forte e corajoso, ele é o mártir que derrotou o inimigo. Ele é o pobre libanês, vítima de defensores sectários. Ele é o mártir de “Sabra e Shatila”, o primeiro “Qana” e o “segundo” Qana.

Foi ele quem expulsou o inimigo sionista em 2000 e lhe deu amargura na guerra de julho de 2006, e está pronto para mais, se necessário. Ele é o iraquiano cuja dignidade foi insultada na prisão de Abu Ghraib, sua memória foi destruída e seu passado, presente e futuro adulterados, ao atacar seus museus que cheiram a história e geografia. Foi ele quem sofreu o flagelo da ocupação hoje e ontem, mas é o indomável

resistente. Foi ele quem tentou recuperar a dignidade desperdiçada, até mesmo jogando um sapato no criminoso de guerra. Ele também é o egípcio, o sudanês, o marroquino e o argelino, ele é o mapa árabe.

Ele é o mártir em muitas das pinturas de Naji al-Ali, pois é assassinado porque cantou slogans patrióticos ou nacionalistas contra os governantes. Ele é o detento cativo nas prisões da humilhação, porque saiu em manifestação rejeitando as condições existentes, é o triste com a despedida dos mártires, mas é sempre paciente. O Homem Bom, esguio de corpo, descalço, remendado em roupas, é o árabe simples, pobre, mas bom, dono dos princípios e valores eternos, que lega aos filhos e a sua geração, ele é o oposto de tudo de ruim na vida árabe.



Palestina é nossa pátria

Figuras inchadas, forças internas calcificadas

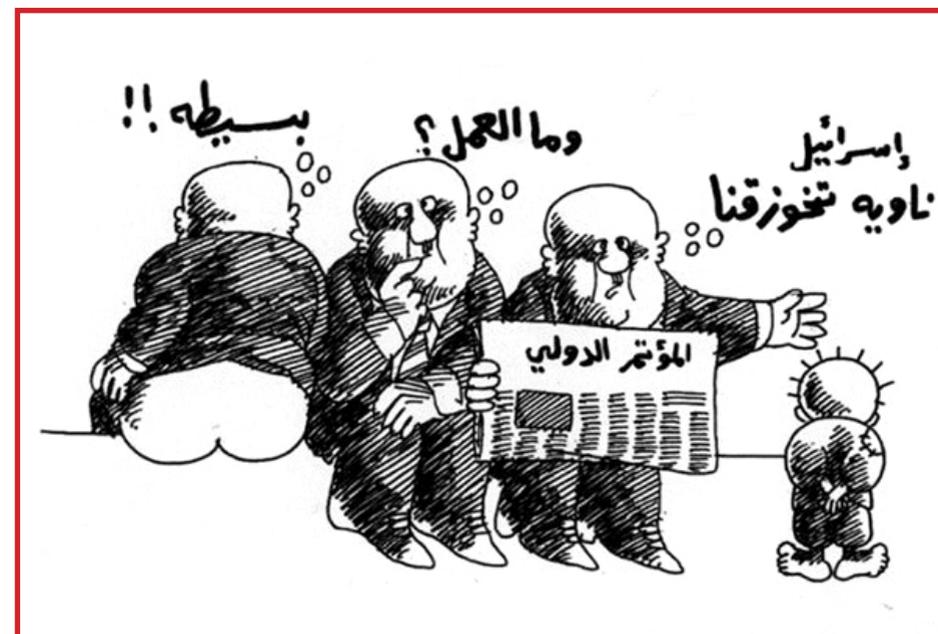
Ao contemplarmos os componentes da imagem expressiva de Naji Al-Ali, encontramos Handala como símbolo de dignidade, Fátima como símbolo de sacrifício e o Homem bom como símbolo de bondade, mas encontramos nesta composição evidências da outra dimensão não positiva na vida árabe. São as figuras Puffy, o modelo anormal, que simboliza tudo o que há de podre no eu árabe. As figuras inchadas incluem as massas de tiranos e corruptos. Incluem o traidor, o rendido, o oportunista, o explorador, e são um símbolo do governante opressor, corrupto e tirânico, e do político hipócrita ganancioso, um símbolo de todos que estão se preparando para vender a justa causa nacional por alguns dólares.

Naji foi criativo quando fez esses personagens flácidos, inchados, feições planas, a maioria sem pescoço ou pés, como se ele nos dissesse que são personagens que carecem dos pilares de continuidade, são temporários, instantâneos, sua morte é inevitável. Eles não têm legitimidade, não tem projeto, nem manifestação popular, não têm raízes nem ramos.

São personagens malévolos contra Handala, Fátima, o Homem Bom, e mesmo aquele que os desenhou, porque representam o seu oposto no plano dos valores. Eles estão mais inclinados à normalização política, econômica e cultural, e estão mais inclinados a fortalecer a frente de normalização, já que pessoas inchadas procuram legitimar e justificar regimes árabes totalitários e teocráticos, e Handala e aqueles que estão com ele procuram expor a tirania em público.

O soldado israelense

Ele sempre usa o capacete na cabeça para enfatizar sua covardia e fraqueza. Seu nariz é comprido e ele fica maliciosamente confuso na frente de crianças palestinas.



No jornal: Conferência Internacional, o que temos de fazer?

Símbolos

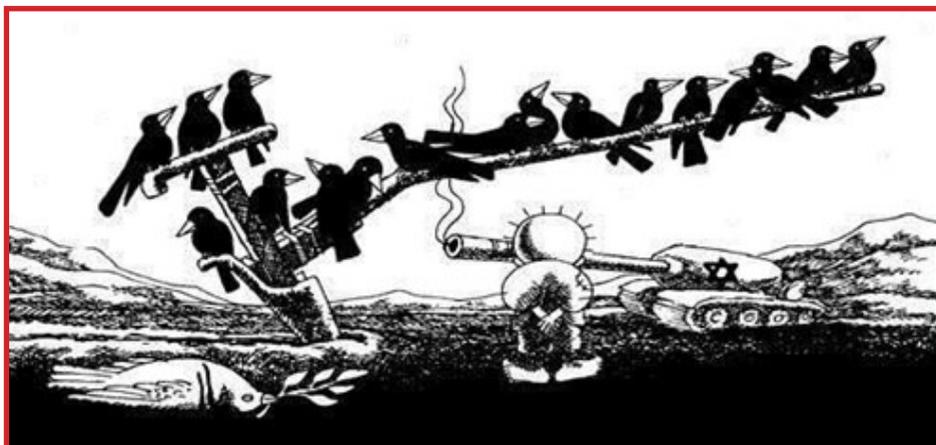
Além do sistema de personagens que acompanham Naji Al-Ali em seus desenhos, ele usou muitos símbolos decorrentes da profundidade do sofrimento de seu povo e sua nação. Tomemos como exemplo o símbolo da pomba branca. É sabido que a pomba branca simboliza paz, segurança e tranquilidade, mas Naji chegou à conclusão de que a pomba não é inocente, pois já não expressa verdadeiramente a paz, porque a consciência do mundo está morta, e a paz que é exigida por ela ou pela chamada “comunidade internacional”, é à custa do povo palestino. São pessoas que dizem amar a paz e o ramo de oliveira mas que ignoraram o direito dos palestinos à sua terra livre e independente. Naji Al-Ali diz: “Eu estava convencido de não sentir a inocência da pomba” e, portanto,

ele trabalhou em retratá-la como um corvo que pressagia má sorte. E é muito grave que a pomba se transforme em corvo, pois significa uma perigosa inversão no nível dos valores.

Outra questão não menos importante é a presença dos comentários de Naji nos desenhos. Nas suas primeiras criações, não havia comentários, mas isso foi revisto;

Em seu respeito pela inteligência do leitor, Naji deixava-o frente a frente com o desenho, para interagir com ele e enriquecer seu conteúdo com suas próprias reflexões, interpretações e análises, para aguçar a mente e pensamento, e fazer dele um grande participante em dar outras dimensões à imagem.

Depois de ter preferido a caricatura “sem comentários para atingir o nível de linguagem e comunicação com qualquer parte, independentemente de sua identidade”, ele recuou e incluiu em seus desenhos comentários pungentes, sarcásticos, impiedosos, como se fossem a lâmina afiada das feridas.



Quem assassinou Naji Al-Ali?

Em 22 de julho de 1987, Naji Al-Ali foi assassinado. A questão sem resposta é: quem o matou? O mistério ainda envolve o assassinato do cartunista palestino. Os acusados são muitos, e vão do Mossad israelense a partidos palestinos, ou talvez um regime árabe. Ninguém sabe exatamente quem matou Naji al-Ali, nem quem o assassinou com certeza, e não há evidências tangíveis que confirmem a acusação de qualquer parte. Até hoje, “Scotland Yard” ainda publica um anúncio todos os anos pedindo novas testemunhas, na esperança de encontrar uma. Nos detalhes, um jovem desconhecido atirou em Naji Al-Ali.

A polícia britânica investigou seu assassinato e prendeu um palestino chamado Ismail Sowan, que trabalhava no exército jordaniano. Sob investigação, Ismail confessou ser um agente duplo do Mossad e da Organização para a Libertação da Palestina (OLP).

A Scotland Yard levantou sua suspeita de ligações da morte com a OLP e Arafat, a quem Al-Ali criticava regularmente como um líder da revolução viajando de primeira classe e cercado de um grupo venal e corrupto. Naji também satirizou a escritora de histórias egípcia chamada Rashida Mahran, que acompanha Arafat, no mesmo avião particular, escrevendo a história da revolução palestina, e chefiando a União Geral dos Escritores Palestinos e Jornalistas. O caricaturista investigou o escândalo de Rashida Mahran e seu relacionamento com líderes seniores da OLP em 1987 e publicou suas opiniões na forma de caricaturas.



Você conhece Rashida Mahran? – Não

Você já ouviu falar dela? – Não

Você não conhece Rashida Mahran e nunca ouviu falar dela!

Então, como você se tornou membro da Assembléia Geral da União de Escritores e Jornalistas Palestinos?

As autoridades britânicas não encerraram o dossiê de investigação e o revisaram de tempos em tempos. Em 29 de agosto de 2017, especificamente no trigésimo aniversário do assassinato de Naji Al-Ali, a polícia britânica lançou um novo apelo para obter novas informações sobre o assassinato, na esperança de que alguém trouxesse algo mais três décadas após o crime.

Em seu livro “Devorado pelo Lobo” Shaker Al-Nabulsi apresentou um estudo sobre o assassinato de Naji Al-Ali. A maioria das informações e testemunhos foram obtidos do filho de Naji Al-Ali, Khalid, que lhe forneceu documentos e informações importantes; de Muhammad Jassim

Al-Saqer, editor-chefe do jornal Al-Qabas, que lhe forneceu material sobre o período no qual Naji trabalhou com ele; e Ahmed Salman, chefe do Centro de Informações Árabes do jornal Al-Safir, onde Naji trabalhou por muito tempo e foi um dos períodos mais importantes de sua vida.

Al-Nabulsi afirmou que cada um dos desenhos de Naji Al-Ali era mais forte que uma bala. Assim como o regime sionista, todos os regimes árabes fracassados receberam um pouco de sua raiva porque ele buscava a verdade mesmo após as críticas de todos que o acusavam de se afastar da legitimidade palestina. A mentalidade intolerante não suportou por muito tempo as críticas do cartunista.

Todas as manhãs ele desenhava desesperadamente como a fazer um testamento, como mostrou um dia em um de seus quadros. Ele focou na OLP, seu comportamento financeiro, administrativo e político e focou na política americana e sionista no Oriente Médio.

Seu assassino nunca foi encontrado.

Por que assassinaram Naji?

A biografia de Naji Al-Ali o revela como um juiz político investigativo nomeado pelos pobres e sem-teto em seu nome para investigar as condições do país e as condições do povo. Ele costumava publicar seu trabalho todas as manhãs em páginas de jornais em preto e branco

Esta é a tragédia de Naji Al-Ali e a tragédia da nação árabe à qual ele pertence. Sua tragédia é que ele viveu em uma nação que ainda pensa, julga, age e vive no passado, apesar de todos os aspectos circundantes da vida moderna. Daí sua importância e raridade artística.

O assassinato covarde foi um crime não contra uma pessoa, mas contra toda uma nação que amava Naji Al-Ali. Seus desenhos eram um reflexo direto do que ela sentia, e o que apertava em seu coração. Eles assassinaram Naji Al-Ali porque ele era autêntico, uma escola para todos os valores que temos.

O peito estreito de seus assassinos não podia conter o sarcasmo pungente que os apunhalava todas as manhãs. Eles o assassinaram porque ele estava desnudando o indizível, dizendo o não dito, e desenhando o invisível, não se importando com aqueles que espreitavam em círculos, simplesmente porque ele não estava acostumado ao medo. Eles o assassinaram porque ele expressou abertamente sua pertença às massas trabalhadoras e pobres, que não têm nada. Assassinaram a profundidade política e sociológica com que ele fazia seus desenhos. Eles o assassinaram porque ele tinha uma voz perturbadora e briguenta.

Após o martírio de Naji Al-Ali, o jornal kuwaitiano Al-Watan escreveu um artigo intitulado “As árvores morrem em pé”, no qual dizia: “Não chore pela morte de Naji Al-Ali... ele escolheu, conscientemente e com incrível determinação”. Naji Al-Ali sempre zombou da ferramenta com a qual foi morto, uma “pistola silenciadora”, e seus desenhos muitas vezes apresentavam a frase “Não a uma pistola silenciadora”, em uma mensagem clara para aqueles que se incomodavam com sua pena, dizendo-lhes: vou ficar aqui, não me movo, faça o que quiser, a história julga por nós.

Naji permanecerá vivo na consciência dos milhões que amaram e se apegaram aos seus desenhos. Ele permanecerá vivo dentro daqueles que tocaram o intelectual orgânico, fundido com suas questões e problemas, que o assassinaram, esquecendo que ele deixou Handala como testemunha. Eles foram capazes de assassinar Handala? Claro que não!

Naji era o narrador mais honesto, mais suave, mais claro, mais abrangente, mais maduro, mais compreensivo da tragédia do povo da Palestina, e também o mais sensível ao sofrimento de seu povo e o mais próximo dele... Naji era quase o único narrador que não se comprometeu com ninguém, então ele se tornou a consciência que enfurecia.

As pessoas criativas não morrem... Suas almas continuarão pairando ao nosso redor com o que deram e inovando, na medida em que sua criatividade incita orgulho e luta e se recusa a dobrar e quebrar, e até antecipa o futuro para nós, depois de expressar o que gostaríamos de dizer ou fazer, como se invadissem os segredos das almas.

Naji Al-Ali era um daqueles que não temia a morte, e suas caricaturas ainda nos machucam com lágrimas e risos até hoje, e suas poucas palavras também permaneceram, desenhando o espírito de um filósofo que combateu o derrotismo árabe, zombou da brutalidade de seu inimigo (o estado de ocupação sionista), e desafiou o silêncio árabe “oficial”. Ele conhecia as celas da prisão, em cujas paredes desenhava testemunhos de condenação da realidade árabe, com pinturas artísticas caracterizadas por críticas contundentes que despertavam a atenção dos árabes.

Trinta e cinco anos se passaram desde que Naji faleceu e ele ainda está presente entre nós, apreciado e respeitado pelos povos palestino e árabe, bem como no mundo todo.

Muitos dos que choraram com Naji sentiram a enormidade da tragédia e o tamanho do vazio que ele deixou, mas a maior tristeza foi compartilhada por Ahmed Matar, o poeta iraquiano, que é semelhante em muitas partes de sua biografia com Naji. Ele também foi forçado a deixar o Kuwait e para o mesmo destino, Londres, “a capital do nevoeiro”, como resultado da perseguição dos regimes árabes. Ele lamentou Naji com um longo poema, e citaremos trechos dele.

مقتطفات من قصيدة ما أصعب الكلام

شكراً على التأبين والإطراء
يا معشر الخطباء والشعراء
شكراً على ما ضاع من أوقاتكم
في عمرة التدبيج والإنشاء

ناجي العلي لقد نجوت بقدرة
من غارنا وعلوت للعليا
إصعد فموطنك السماء وخبنا
في الأرض إن الأرض للجبنا
من لم يمّت بالسيف مات بطلقة
من عاش فينا عيشة الشرفاء
ماذا يضيرك أن تفارق أمة
ليست سوى خطأ من الأخطاء

القاتل المأجور وجهه أسود
يخفي مئات الأوجه الصفراء
لمثقف أوراقه رزم الصكوك
وجبره فيها دم الشهداء
ولنائر يرنو إلى الحرية
الحمراء عبر الليلة الحمراء
الكل مشترك بقتلك إنما
نابت يد الجاني عن الشركاء

الهاكمون هم الكلاب مع اعتذاري
فالكلاب حفيظة لوفاء
وهي اللصوص القاتلون العاهرون
وكلهم عبد بلا استثناء
إن لم يكونوا ظالمين فمن ترى
ملا البلاد برهبة وشقاء
إن لم يكونوا خائنين فكيف
ما زالت فلسطين لدى الأعداء

أحمد مطر

Como é difícil falar

Agradeço a homenagem, o elogio
Gente afeita ao discurso, à poesia
Agradeço o tempo desperdiçado
Juntando adornos à composição

Naji al-Ali, você superou com folga
Nossa desonra, ascendeu às alturas
Suba ao céu, sua morada,
e nos deixe

Na terra, a terra é para os covardes

Morreu, não na espada,
morreu na bala

Quem viveu em nós
uma vida honrosa

Que mal lhe faz deixar uma nação
Que é só um erro

a mais entre tantos erros

O assassino a serviço é
a cara preta
Que esconde cem caras amarelas
De um homem culto
que escreve em papéis
Usando por tinta
o sangue dos mártires
De um rebelde que adula
a liberdade
Vermelha varando a noite vermelha
Uniram-se para matá-lo, mas a
mão do executor deles se afastou

Os governantes são cães,
se me desculpam
Pois os cães invejam a lealdade
E são ladrões, prostitutos,
assassinos
São escravos todos sem exceção
Não fossem injustos,
quem você acha
Que forrou o país
com medo e miséria
Não fossem traidores,
então como a Palestina
ainda é dos inimigos

Ahmad Mátar

Tradução de Michel Sleiman



Penso, logo existo



Você apedreja os israelenses, e eu quero apedrejar os líderes palestinos que não pretendem se unir, dormindo no seio dos regimes árabes e apostando nas soluções americanas



Sede das organizações palestinas – Quem não quer lutar contra Israel deve nos mostrar a largura de seus ombros ... Saia daqui!



Gostei do seu artigo de hoje sobre a democracia, gostei demais. O que você vai escrever para amanhã? – Estou escrevendo meu testamento



Se Israel atacar a Síria, devemos atacar
Jornal: Solidariedade Árabe
Explique suas palavras, nós atacamos quem?



Juro, Fátima. Todos diferem sobre em qual estaca eu deveria sentar.
As árvores morrem em pé.



Cemitério dos mártires de Sabra e Shatila



Jornal: Aniversário do falecimento de Naji Al-Ali



De ambos os lados: Nomes de campos palestinos
No peito: Sem paz, sem reconhecimento, sem negociações



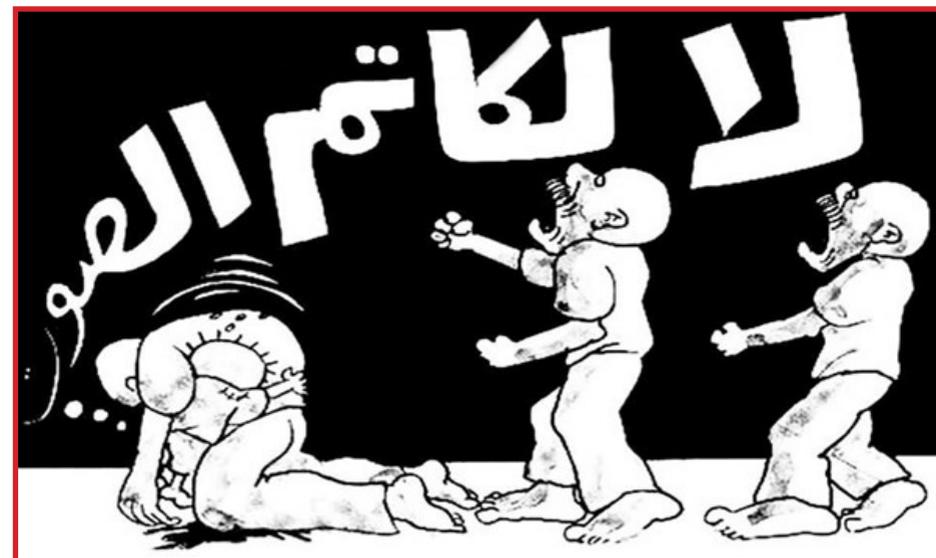
1º de maio, viva a classe trabalhadora
Oh, cara, nós não queremos essa vida



O fim



Palestina



Não à pistola silenciadora!

MEMO

MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

Criando Novas Perspectivas



monitordooriente.com



[/monitordooriente](https://www.facebook.com/monitordooriente)



[@monitordoorient](https://twitter.com/monitordoorient)



[@monitordooriente](https://www.instagram.com/monitordoorient)